

Brady demonstra otimismo

Washington — O secretário do Tesouro Americano, Nicholas Brady se declarou, ontem, convencido de que o México e seus bancos credores chegarão a um acordo que incluirá uma redução da dívida mexicana, mas se negou a prognosticar datas e montantes, afirmando que o importante é conseguir um "bom acordo".

Em entrevista coletiva que concedeu na Casa Branca, para informar sobre os temas da Cúpula Econômica de Paris, em 14 de julho, Brady disse que a estratégia a seguir quanto ao problema da dívida externa do Terceiro Mundo "será uma parte importante" das deliberações entre os chefes de Estado e ministros das sete maiores potências industriais do planeta.

PROVA

Indagado sobre as negociações com o México, que constituem a prova de fogo do Plano Brady para a redução da dívida, o secretário do Tesouro enfatizou que este país e os bancos apresentaram propostas que incorporam todos os elementos de tal iniciativa. Ao fazer isso "os bancos aceitaram" o conceito de redução voluntária das dívidas, o que representa "um passo sem precedentes".

"Agora a pergunta não é se haverá redução da dívida e sim a que preço e quando", manifestou o ministro. "Gostaríamos de ter um acordo logo, e temos pedido aos bancos e governo mexicano para acelerar as negociações, mas é mais importante alcançar um bom acordo do que preocupar-se com planos artificiais", disse, em referências ao alegado desejo de chegar a Paris com "uma carta do triunfo", que consagra a vitória do Plano Brady.

O secretário do Tesouro reiterou sua convicção de que a iniciativa lançada por ele mesmo em março passado para reduzir, em média mínima, 20 por cento das dívidas e a carga de serviço dos 39 países mais endividados do mundo constitui "uma fundação sólida" para se chegar a solução do problema e "terá pleno apoio" dos chefes de Estado na Cúpula de Paris.

DISTÂNCIA

"Em minha opinião, haverá um acordo entre o México e seus bancos credores. Exatamente quando, com um processo novo como este, não podemos dizer, mas todos os elementos

para superar esta situação particular estão sobre a mesa".

As negociações entre o México e seus bancos credores se iniciaram em março e as partes aproximaram suas posições, mas existem ainda uma ampla brecha entre a aspiração mexicana e a oferta bancária. Segundo fontes financeiras, o México pediu inicialmente 55 por cento de desconto e estaria disposto a aceitar 40 por cento, enquanto que os bancos ofereceram de entrada 15 por cento e chegariam a 27 por cento.

O secretário de Fazenda e Crédito Público do México, Pedro Aspe, se reuniu com Brady em Washington na sexta-feira passada e agora está dirigindo pessoalmente as negociações em Nova Iorque, disseram as fontes. Brady confirmou ontem que o Departamento do Tesouro "teve um papel muito ativo" nas negociações mexicanas e acrescentou que seu sentimento pessoal sobre as mesmas é "extremamente positivo", mas "fixar uma data limite para um conjunto de transações tão complicadas seria ridículo".

OBSTACULO

Na opinião de Brady, o maior obstáculo para se chegar a uma conclusão feliz das negociações mexicanas é que as mesmas representam "uma ocasião transcendental" para os bancos e para todos os países endividados que esperam também redução de suas dívidas. A dívida externa mexicana é de 107 bilhões de dólares, mas a parte sujeita da redução e a dívida bancária de 55 bilhões.

A Venezuela, que já conseguiu acordos com o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial em torno de um programa de reformas econômicas, espera começar negociações sérias com a bancada neste mês de julho e o presidente Carlos Andrés Perez advertiu que "jamais aceitará uma redução menor que 40 por cento. Perez se encontrou também com o ex-secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, para dialogar sobre algumas idéias de Kissinger sobre o alívio da dívida externa da Venezuela, que já alcança 29 bilhões de dólares.

O Plano Brady propõe uma redução que exigiria da bancada internacional perdas de mais de 50 bilhões de dólares em três anos, mas um estudo recente dirigido por Johannes Wittveen, ex-diretor gerente do FMI, assinalou que a redução deveria ser de no mínimo 125 bilhões de dólares para ter possibilidade de êxito.